



JESUITAS BRASIL

Cadernos / *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 379 | vol. 23 | 2025

**Os Estados Unidos de Trump, modelo da
distopia contemporânea**

Luiz Marques

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 379 | vol. 23 | 2025

Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea

Luiz Marques

Doutor em História da Arte pela École des Hautes Etudes en Sciences
Sociales (EHESS) e professor livre-docente do Departamento de
História da Unicamp



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 379 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pxhere

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea

Luiz Marques

Doutor em História da Arte pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) e professor livre-docente do Departamento de História da Unicamp

A reeleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos (EUA) em novembro de 2024 tem sido caracterizada como uma catástrofe sem precedentes na história contemporânea desse país.

De fato, essa reeleição marca o início de um experimento social inédito de autodestruição fulminante dos EUA, bem como de seu controle distópico pelas *Big Techs*. O adjetivo fulminante é, por certo, apropriado diante da avalanche de decretos (*Executive orders*) de Trump em seus primeiros dois meses de governo. Quase 100 medidas contra a governança ambiental foram tomadas nestes primeiros dois meses. Trata-se de um

ataque feroz não apenas contra a governança climática, mas contra todos os aspectos da proteção ambiental, a começar pelo desmonte da própria Agência de Proteção Ambiental (EPA).¹ Essa metralhadora giratória objetiva a demolição e/ou o desvirtuamento de todas as instituições científicas, culturais, administrativas e diplomáticas encarregadas de assegurar informação, educação, monitoramento, proteção e governança nas relações entre os EUA e o sistema Terra. Robert Proctor fala em “uma espécie de guerra contra a metrologia, a mensuração dos fenômenos. Portanto, alguns tipos de dados nem serão coletados. Então não saberemos mais o que está acontecendo”.² Sim, trata-se de garantir um voo cego, de modo a não ser possível mensurar a dinâmica do colapso ambiental em curso, pois, como é bem sabido, em ciências da natureza não é possível conhecer o que não se consegue medir. Dada essa *Blitzkrieg* contra a ciência, 75,3% dos 1.608 cientistas que responderam a uma pesquisa publicada na revista *Nature* em 2025 consideram deixar o país, porcentagem ainda maior entre os cientistas mais jovens.³ Trump tem conseguido avançar por enquanto sem obstáculos maiores, graças à sua incontestável vitória eleitoral (mais de 2,4 milhões de votos a mais do que Kamala Harris e 312 votos contra 226 no Colégio Eleitoral),⁴ ao apoio dos bi-

1 Cf. Mark Gongloff & Elaine He, Years of Climate Action Demolished in Days: A Timeline, *Bloomberg*, 26 mar. 2025. Agradeço a José Eustáquio Diniz Alves por me indicar esse levantamento das medidas adotadas por Trump.

2 Cf. Hervé Morin & Nathaniel Herzberg, Robert Proctor, historien des sciences: “Nous vivons un âge d’or de l’ignorance”, *Le Monde*, 9 mar. 2025: “Aujourd’hui, on fait face également à une sorte de guerre contre la métrologie, la mesure des phénomènes. Ainsi, certains types de données ne seront même pas collectées. Nous ne saurons donc plus ce qui se passe”.

3 Cf. Alexandra Witze, 75% of US scientists who answered Nature poll consider leaving, *Nature*, 27 mar. 2025.

4 Cf. US presidential election results, *Reuters*, 25 mar. 2025.

lionários do *Silicon Valley* e, sobretudo, ao fato de que, como se sabe, Trump 2.0 foi cuidadosamente planejado pelo *Project 2025*, da Heritage Foundation.⁵

1. DE RONALD A DONALD

Ocorre que há também o outro lado da moeda, pois o retorno de Trump à Casa Branca representa, igualmente, a culminância de um longo e lento processo socioeconômico e intelectual regressivo nos EUA (de que é responsável também, e na mesma medida, o Partido Democrata). Tentar compreender esse retorno requer uma visada retrospectiva não apenas sobre sua primeira vitória em novembro de 2016 (embora ainda sem maioria dos votos populares), mas um recuo mais amplo, “de Ronald a Donald”, ou seja, uma análise abrangendo múltiplos indicadores de declínio socioeconômico, educacional, cultural, sanitário e ambiental nesse país desde ao menos os dois mandatos de Ronald Reagan nos anos 1981-1988.

Há paralelos evidentes entre os dois presidentes. Ambos vieram da indústria do entretenimento, cavalgando uma doutrina centrada na demolição radical do tímido *Welfare State* estadunidense. As reformas fiscais de Trump têm por modelo (e radicalizam ainda mais) a *Economic Recovery Act* de 1981 e a *Tax Reform Act* de 1986, meta obsessiva da chamada *Reaganomics*. Ambas se destacam, também, por seu descomplexado negacionismo científico e por um apelo à restauração da “grandeza” do país. Não por acaso, o MAGA, marca registrada de Trump desde 2016, foi cunhado para a

5 Cf. Mike Wendling, *Project 2025: The right-wing wish list for Trump's second term*, *BBC*, 13 fev. 2025.

campanha eleitoral de Reagan (*Let's Make America Great Again*), no contexto da derrota militar no Vietnã, das crises do petróleo e da estagflação dos anos 1970.

No que se refere aos precedentes do negacionismo científico de amplo espectro de Trump, Stéphane Foucart fez notar que “a guerra de Trump contra a ciência é a fase terminal de uma longa doença cujos primeiros sinais foram ignorados”: “há muitos anos, o conjunto da direita americana não esconde seu ódio às universidades, nem seu desejo de destruir ou subjugar as ciências ambientais”.⁶ Entre os sintomas anteriores dessa doença, Robert Proctor lembra que, durante os governos de George W. Bush (2001-2008), os biólogos do Serviço de Parques Nacionais foram demitidos, de modo a tornar impossível documentar o desaparecimento de espécies. Essa guerra tem seu maior precursor novamente em Reagan. Uma das pérolas do negacionismo climático de Reagan deve dar inveja a Trump: “Cerca de 80% da nossa poluição atmosférica provém de hidrocarbonetos liberados pela vegetação; então, não exageremos na definição e aplicação de padrões rigorosos contra emissões antropogênicas”.⁷ Reagan censurou cientistas como James Hansen e foi contra até mesmo a adesão dos EUA ao Protocolo de Montreal, de 1987, que visava proteger a camada de ozônio estratosférico. Seu secretário do interior, Donald Hodel, afirmou então que um tratado internacional para descontinuar a produção de clorofluorocarbonos (CFCs) era desnecessário, pois bastaria aos americanos usar protetor solar e um cha-

6 Cf. Stéphane Foucart, *La guerre de Trump contre la science est la phase terminale d'une longue maladie dont les premiers signes ont été ignorés*, *Le Monde*, 9 mar. 2025.

7 Cf. Charles Seife, *Reagan on Science*, *Science*, 10 jul. 2004: “Approximately 80% of our air pollution stems from hydrocarbons released by vegetation, so let's not go overboard in setting and enforcing tough emission standards from man-made sources”.

péu. Reagan mudou sucessivamente de ideia em parte porque fora diagnosticado com um câncer de pele e porque cedeu à pressão das corporações que viam nesse tratado uma oportunidade de negócios.⁸ Mas o mais amplo paralelo entre Ronald e Donald é o fato de se elegerem no contexto do empobrecimento da população urbana dos EUA. De fato, essa começara a se empobrecer desde os anos 1970, como mostra a Figura 1.

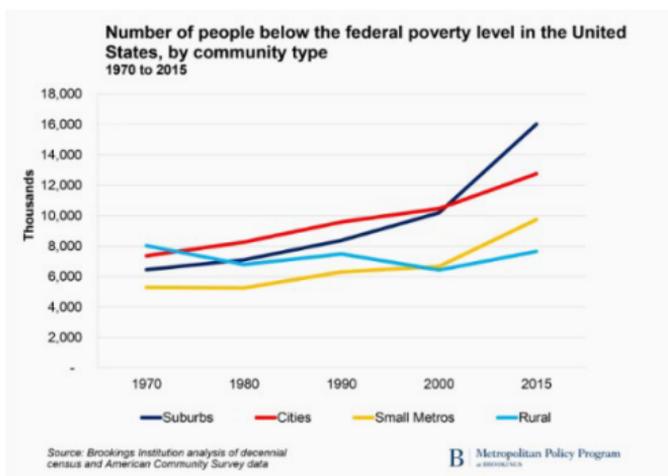


Figura 1 – Pessoas vivendo abaixo do nível federal de pobreza, por tipo de comunidade, entre 1970 e 2015: subúrbios, cidades, pequenas metrópoles e população rural

Fonte: Elizabeth Kneebone, “The changing geography of US poverty”. Brookings Institution, 15 fev. 2017, com dados do Brookings Institution analysis of decennial census and American Community Survey data e Metropolitan Policy Program (Brookings). Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/the-changing-geography-of-us-poverty/>

8 Cf. Olivia B. Waxman, Reagan Administration Officials at First Dismissed the Ozone Hole. Here’s What Changed, *Time*, 10 abril 2019.

Entre 1970 e 2015, o número de pobres nos EUA aumentou em todos os segmentos urbanos, passando de pouco mais de seis milhões para 16 milhões de pessoas no segmento suburbano. Mas isso era apenas o começo.

2. O RELATÓRIO ALSTON

No fim de 2017, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um relatório especial, intitulado: “Declaração sobre a visita aos EUA, pelo Professor Philip Alston, Relator Especial das Nações Unidas sobre pobreza extrema e direitos humanos”. Nele, já se podiam detectar ou prever os impactos socioeconômicos das políticas fiscais do primeiro mandato de Trump (2017-2020): “O pacote de reforma tributária proposto destaca a tentativa dos EUA de se tornar a sociedade mais desigual do mundo e aumentará muito os níveis já altos de riqueza e desigualdade de renda entre o 1% mais rico e os 50% mais pobres dos americanos”.⁹ O relatório caracterizava os indicadores sociais dos EUA como os piores, ou entre os piores, no contexto dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Como seria de se esperar, o governo americano tentou desqualificar o relatório. Mas ele foi, por outro lado, objeto de um artigo muito positivo de Angus Deaton, no *New York Times*, com um título sugestivo: “Os EUA não conseguem mais

9 Cf. Statement on Visit to the USA, by Professor Philip Alston, United Nations Special Rapporteur on extreme poverty and human rights: “The proposed tax reform package stakes out America’s bid to become the most unequal society in the world, and will greatly increase the already high levels of wealth and income inequality between the richest 1% and the poorest 50% of Americans”. <https://www.ohchr.org/en/statements/2017/12/statement-visit-usa-professor-philip-alston-united-nations-special-rapporteur?LangID=E&NewsID=22533>.

se esconder de seu problema de pobreza extrema”.¹⁰ Deaton denunciava que mesmo aquisições básicas das sociedades industrializadas, como água potável, segurança alimentar, saneamento básico e algum tipo de assistência médica não estavam acessíveis aos habitantes mais pobres do país. Em alguns lugares como o delta do Mississipi e em muitas regiões dos 13 estados situados nas montanhas do Appalachia, “a esperança de vida ao nascer é mais baixa do que em Bangladesh e no Vietnã”. Também segundo Luke Shaefer e Kathryn Edin, “o número de domicílios vivendo com US\$ 2,00 ou menos por dia durante ao menos um mês num ano nos EUA mais que dobrou em 15 anos, passando de 636 mil famílias em 1996 para 1.460 milhão de famílias em 2011”.¹¹ A Figura 2 mostra o aumento enorme da pobreza extrema nos EUA entre 1980 e 2015.

10 Cf. Angus Deaton, The U.S. Can No Longer Hide From Its Deep Poverty Problem, *The New York Times*, 24 jan. 2018.

11 Cf. H. Luke Shaefer & Kathryn Edin, Extreme Poverty in the United States, 1996 to 2011, *National Poverty Center*, 28/11/2012: “The number of families living on \$2 or less per person per day for at least a month in the USA has more than doubled in 15 years to 1.46 million. That’s up from 636,000 households in 1996”.

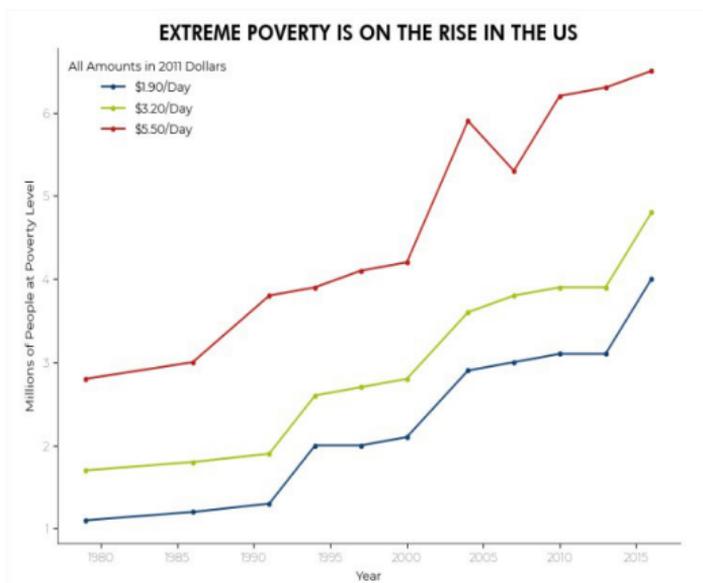


Figura 2 – Milhões de pessoas nos EUA vivendo em três níveis de pobreza extrema entre 1980 e 2015: US\$ 1,90; US\$ 3,20 e US\$ 5,50 (em dólares de 2011)

Fonte: Colin McAuliffe, “Extreme Poverty is on the Rise in the US”. Data for Progress, 4 dez. 2018, com dados do The World Bank Poverty and Equity Database. Disponível em: <https://www.dataforprogress.org/blog/2018/12/3/jg5hvx1e4qpfk5srha9mn21jigwoj>

Como se vê, a pobreza extrema nos EUA começa a crescer com Reagan, mas ganha impulso a partir das reformas neoliberais promovidas nos dois mandatos de Bill Clinton na década de 1990, inclusive por meio de programas como o Earned Income Tax Credit (EITC), que tentava ocultar a erosão do salário real dos trabalhadores de menor renda.

3. DO RELATÓRIO ALSTON AOS DADOS DOS EUA QUE ELEGERAM TRUMP EM 2024

Em menos de uma década, entre o relatório Alston e os EUA de Trump 2.0, o processo de degradação dessa sociedade não cessou de se acelerar, como demonstra uma comparação entre a situação descrita por Alston em 2017 e a atual, nos quatro dossiês maiores abaixo discutidos, com seus catastróficos desdobramentos futuros.

3.1 A CRISE SANITÁRIA

(1) “As taxas de mortalidade infantil dos EUA em 2013 foram as mais altas do mundo desenvolvido. Os americanos podem esperar viver vidas mais curtas e doentes, em comparação com pessoas que vivem em qualquer outra democracia rica, e a ‘lacuna de saúde’ entre os EUA e países pares continua a crescer” (Alston 2017). Em 2021, a expectativa de vida ao nascer nos EUA havia regredido ao mais baixo nível desde 1996, segundo o *Center for Disease Control* (CDC), agência governamental federal.¹² Dados recentes projetam que, nesse quesito, os EUA devem cair da 49^o posição global em 2022 para a 66^a posição em 2050.¹³ Também a “lacuna de saúde” a que se refere Alston, vale dizer, as crises sanitárias nos EUA, tem se agravado. “Atualmente [2025], em comparação com países ocidentais

12 Cf. CDC, National Center for Health Statistics, Life Expectancy in the U.S. Dropped for the Second Year in a Row in 2021, 31 ago. 2022: “That decline – 77.0 to 76.1 years – took U.S. life expectancy at birth to its lowest level since 1996”.

13 Cf. Increases in U.S. life expectancy forecasted to stall by 2050, poorer health expected to cause nation’s global ranking to drop, *Institute for Health Metrics and Evaluation* (IHME), 5 dez. 2024. <https://www.healthdata.org/news-events/newsroom/news-releases/increases-us-life-expectancy-forecasted-stall-2050-poorer-health#main-content>.

semelhantes, os EUA têm [...] a maior mortalidade materna e infantil relatada, a maior taxa de hospitalização por causas evitáveis, a maior taxa de mortalidade por condições evitáveis e tratáveis, a maior taxa de suicídio e a maior taxa de carga de doenças crônicas do mundo”.¹⁴ Além disso, “os EUA são o único país de alta renda onde uma parcela substancial da população não tem nenhum tipo de seguro de saúde”.¹⁵ Como afirma Ricardo Abramovay, a doença nos EUA é uma grande força econômica: “A responsabilidade da indústria farmacêutica na crise dos opioides, que já matou mais de 500 mil pessoas nos EUA, é exposta nos 1,3 milhão de documentos dos ‘*Opioid Industry Documents Archive*’, que demonstram todo um mecanismo de cooptação de médicos para receitarem uma droga cuja natureza viciante e perigosa era conhecida, mas não divulgada”.¹⁶ Segundo dados do CDC (2023), “até 2022, mais de 700 mil vidas foram perdidas por overdoses de opioides” e uma análise recente mostra que essa crise sanitária, iniciada em 1996, foi um fator relevante no deslocamento do eleitorado democrata para o Partido Republicano, que se apropriou da retórica da defesa da “América esquecida” e da “América deixada para trás” (*The Republican Party’s new ownership of this topic positioned them*

14 Cf. James K. Else, *US Healthcare System Is in Crisis*, *American College of Surgeons*, 110, 2, fev. 2025: “Currently the US, compared to similar Western countries, has the lowest life expectancy at birth, highest reported maternal and infant mortality, highest hospitalization rate from preventable causes, highest death rate for avoidable and treatable conditions, highest suicide rate, and highest chronic disease burden rate in the world”.

15 Cf. Munira Z. Gunja, Evan D. Gumas & Reginald D. Williams II, “U.S. Health Care from a Global Perspective, 2022: Accelerating Spending, Worsening Outcomes”, *The Commonwealth Fund*, 31 jan. 2023: “The U.S. is the only high-income country where a substantial portion of the population lacks any form of health insurance”.

16 Cf. Ricardo Abramovay, *A força econômica da doença*, *Valor*, 12 mar. 2025.

as the advocates for “forgotten America” and the “America left behind”).¹⁷ O escândalo dos opioides exacerbou o massacre resultante da famosa “guerra contra as drogas”: “Perto de 108 mil pessoas morreram de overdose em 2022 e cerca de 82 mil dessas mortes envolveram opioides (cerca de 76%). O número de pessoas que morreram por overdose de opioides em 2022 foi dez vezes maior do que em 1999”.¹⁸

(2) “Doenças tropicais negligenciadas, incluindo Zika, são cada vez mais comuns nos EUA. Foi estimado que 12 milhões de americanos vivem com uma infecção parasitária negligenciada” (Alston 2017). Após 2019, a pandemia de Covid-19 matou muito mais nos EUA do que em outras nações ricas, sobretudo porque Trump, em seu primeiro mandato, declarou-se contra o uso de máscaras e contra a obrigatoriedade da vacinação.¹⁹ Em 2025, o negacionismo contra a vacinação é abertamente fomentado por seu secretário de saúde, Robert Kennedy Jr., que anunciou agora a supressão de cerca de 10 mil funcionários do seu Ministério, sobre-

17 Cf. Carolina Arteaga, Victoria Barone, Republican Support and Economic Hardship: The Enduring Effects of the Opioid Epidemic, University of Toronto, 31 jan. 2025: “The United States is experiencing an unprecedented crisis related to the misuse of and addiction to opioids. As of 2022, over 700,000 lives have been lost to opioid overdoses (CDC, 2023)”. Ver também Pauline Grosjean, Aux Etats-Unis, les républicains ont été les grands gagnants politiques de la crise des opioïdes, *Le Monde*, 24 abr. 2025.

18 Cf. Center for Disease Control (CDC), Understanding the Opioid Overdose Epidemic, 1º nov. 2024: “Nearly 108,000 people died from drug overdose in 2022 and approximately 82,000 of those deaths involved opioids (about 76%). The number of people who died from an opioid overdose in 2022 was 10 times the number in 1999”.

19 Cf. Benjamin Mueller & Eleanor Lutz, U.S. Has Far Higher Covid Death Rate Than Other Wealthy Countries, *The New York Times*, 1. fev. 2022: “the coronavirus is killing Americans at far higher rates than people in other wealthy nations. (...) Despite having one of the world’s most powerful arsenals of vaccines, the country has failed to vaccinate as many people as other large, wealthy nations”.

tudo nas áreas de vacinação, de resposta às epidemias e de aprovação de novos medicamentos.²⁰ A sugestão de Kennedy Jr. em face da epidemia da gripe aviária, que mata cerca da metade das pessoas infectadas pelo contato direto com animais que carregam o vírus,²¹ é a “imunidade de rebanho”. Segundo Gail Hansen, “permitir o vírus H5N1 se propagar entre cinco milhões de aves, é literalmente dar-lhe cinco milhões de chances de replicação e mutação. [...] É uma receita para o desastre”.²² De fato, tais mutações aumentam inclusive a probabilidade de que este vírus adquira a capacidade de ser transmitido entre pessoas. Em 2025, o sarampo, a mais contagiosa doença viral transmissível pessoa a pessoa, voltou a afligir o país, com 321 casos no Texas e estados vizinhos e com as primeiras duas mortes de pessoas, obviamente não vacinadas.²³ Como afirma David Higgins, “cada surto, doença, hospitalização e morte é uma tragédia, porque é totalmente prevenível com vacinas”.²⁴

20 Cf. L'administration Trump va supprimer dix mille postes au ministère de la santé des Etats-Unis, *Le Monde*, 27 mar. 2025.

21 Cf. OMS, Human infection with avian influenza A(H5) viroses, 31 jan. 2025.

22 Cf. Apoorva Mandavilli, Kennedy's Alarming Prescription for Bird Flu on Poultry Farms, *The New York Times*, 18 mar. 2025: “If H5N1 were to be allowed to run through a flock of five million birds, that's literally five million chances for that virus to replicate or to mutate. (...) 'It's a recipe for disaster”.

23 Cf. Julian Nowogrodzki, Measles is surging in the US: how bad could it get?, *Nature*, 19 mar. 2025

24 Cf. Michael Levenson, Teddy Rosenbluth & Apoorva Mandavilli, Unvaccinated Child Dies of Measles in Texas Outbreak, *The New York Times*, 26 fev. 2025: “Every single outbreak, illness, hospitalization and death is a tragedy, because it is entirely preventable with those vaccines. Right now, what we need to be doing as a nation is rebuilding and building confidence in one of the greatest public health tools ever created”.

(3) “Os EUA têm a maior prevalência de obesidade no mundo desenvolvido” (Alston 2017). A obesidade está associada ao desenvolvimento de diabetes tipo 2, a doenças cardiovasculares e ósseas, hipertensão, ocorrência de certos tipos de câncer, problemas psiquiátricos e reprodutivos, entre outros.²⁵ Dados do CDC mostram que “a prevalência de obesidade aumentou de 30,5% em 1999-2002 para 41,9% em 2017-março de 2020. Durante o mesmo período, a prevalência de obesidade grave aumentou de 4,7% para 9,2%”.²⁶ Em 2021, quase três quartos da população dos EUA estava com sobrepeso ou obesidade.²⁷ Em 2024, um estudo da série Global Burden of Disease (GBD) da revista *Lancet* assinala que “mais de 170 milhões de adultos com 25 anos ou mais, bem como 15 milhões de crianças e adolescentes jovens (de 5 a 14 anos) e 21 milhões de adolescentes mais velhos (de 15 a 24 anos) têm sobrepeso ou obesidade”.²⁸ O aumento de incidência de câncer é um fenômeno mundial.²⁹ Mas nos EUA esse aumento exhibe uma taxa mais elevada do que em países com dados disponíveis, sendo a obesidade, evidentemente, apenas um entre os muitos fatores de caráter não gené-

25 Cf. OMS, *Obesity and Overweight*, 1º mar. 2024: “Obesity is a chronic complex disease defined by excessive fat deposits that can impair health. Obesity can lead to increased risk of type 2 diabetes and heart disease, it can affect bone health and reproduction, it increases the risk of certain cancers”.

26 Cf. CDC, Adult Obesity Facts, <https://www.cdc.gov/obesity/adult-obesity-facts/index.html>.

27 Cf. Nina Agrawal, Three-Quarters of U.S. Adults Are Now Overweight or Obese, *The New York Times*, 14 nov. 2024.

28 Cf. Michael O’Riordan, US Obesity Epidemic Continues to Skyrocket, With No End in Sight, TCTMD, 15 nov. 2024; National-level and state-level prevalence of overweight and obesity among children, adolescents, and adults in the USA, 1990–2021, and forecasts up to 2050, *The Lancet*, 14 nov. 2024.

29 Cf. World Health Organization, *WHO Report on Cancer*, 2020.

tico (ou seja, atribuíveis ao estilo de vida e à poluição ambiental), desse aumento comparativamente maior. Segundo a *American Cancer Society*,³⁰

“No próximo ano [2024], a expectativa é de se atingir um marco desolador. Será a primeira vez que novos casos de câncer nos EUA devem ultrapassar a marca de dois milhões de pessoas. Isso representa quase 5.500 diagnósticos de câncer por dia. [...] Em 2024, projeta-se que mais de 611 mil mortes por câncer ocorrerão nos EUA. Isso representa mais de 1.600 mortes por câncer por dia”.

Isso não se deve apenas ao envelhecimento da população. Embora, a proporção de pessoas com menos de 50 anos esteja diminuindo na pirâmide etária americana (tendo caído de 74% para 64%), sempre segundo o mesmo documento, pessoas com menos de 50 anos “constituem o único dos três grupos etários [65+, 50-64 e menos de 50 anos] que exibem um aumento em todos os tipos de câncer, entre 1995 e 2020”.³¹

(4) “Em termos de acesso à água e saneamento, os EUA estão em 36º lugar no mundo” (Alston 2017). Em 2023, um estudo da *National Resources Defense Council* (NRDC) confirmava o agravamento do problema: “o sistema de água potável nos EUA está falido de várias

30 Cf. American Cancer Society, 2024—First Year the US Expects More than 2M New Cases of Cancer, 17 jan. 2024: “In the coming year [2024], we’re expecting to hit a bleak milestone—the first time new cases of cancer in the US are expected to cross the 2-million mark. That’s almost 5,500 cancer diagnoses a day. (...) In 2024, over 611,000 deaths from cancer are projected for the US. That’s more than 1,600 deaths from cancer each day”.

31 Cf. American Cancer Society (cit.): “The proportion of people under age 50 (sometimes referred to as younger adults) diagnosed with cancer dropped from 15% to 12% because of their shrinking representation in the general population (from 74% to 64%). Interestingly, though, they were the only one of the three age groups with an increase in overall cancer incidence from 1995 to 2020.

maneiras. O subinvestimento crônico deixou a infraestrutura hídrica desatualizada e à beira do colapso em muitos lugares do país (...). Enquanto isso, chumbo, substâncias perfluoroalquil e polifluoroalquil conhecidas como PFAS, poluição industrial e escoamento agrícola estão contaminando a água potável de centenas de milhões de pessoas – e muitas nem sabem disso”.³² Um trabalho de 2025 mostra que “mais de 97 milhões de residentes dos EUA foram atendidos por sistemas públicos de fornecimento de água com níveis detectáveis de 1,4-dioxano, HCFC-22, 1,1-dicloroetano e/ou PFAS”. Os autores mostram que populações hispânicas e afro-americanas são desproporcionalmente atingidas por essa poluição.³³

3.2 POBREZA, DESIGUALDADE E INSEGURANÇA ALIMENTAR E ENCARCERAMENTO

(5) “Nos países da OCDE, os EUA estão em 35º lugar entre 37 em termos de pobreza e desigualdade. [...] Os EUA têm o maior índice de Gini (medindo a desigualdade) de todos os países ocidentais” (Alston 2017). Em 1980, o índice de Gini (quanto mais elevado, maior desigualdade) nos EUA era de 34,7. Em 2022, ele saltou para 41,3, atingindo 42 em 2023. Eis o índice de Gini em outros países segundo o Banco Mundial: Brasil (2022), 53; Bolívia (2021), 40,9; Rússia (2021), 35,1;

32 Cf. Nicole Greenfield, *America’s Failing Drinking Water System*, NRDC, 5 out. 2023.

33 Cf. Aaron J. Maruzzo *et al.*, *Socioeconomic Disparities in Exposures to PFAS and Other Unregulated Industrial Drinking Water Contaminants in US Public Water Systems*, *Environmental Health Perspectives*, 133, 1, 15 jan. 2025: “More than 97 million US residents were served by Public Water Systems with detectable levels of 1,4-dioxane (22% of PWSs), HCFC-22 (5.8%), 1,1-dichloroethane (4.7%), and/or PFAS (4.0%)”.

China (2021), 35,7; Itália (2021), 34,8.³⁴ Segundo Bernie Sanders, nos EUA “as três famílias mais ricas possuem agora mais riqueza do que a metade mais pobre do país”.³⁵

(6) “Em setembro de 2017, mais de um a cada oito americanos vivia na pobreza (40 milhões, ou 12,7% da população). E quase metade deles (18,5 milhões) vivia em extrema pobreza, com renda familiar relatada abaixo da metade do limiar da pobreza” (Alston 2017). Sintoma dessa pobreza extrema é o agravamento da insegurança alimentar: 10,2% dos domicílios em 2021; 12,8% em 2022 e 13,5% em 2023 (dados do USDA). Em quatro estados do sul, essa porcentagem já passava de 15% em 2022.³⁶ Em 2023, perto de 14 milhões de crianças passaram fome no país.³⁷ O aumento da pobreza relaciona-se claramente com o mau desempenho escolar. A decisão de abolir o *U.S. Department of Education* acentuará ainda mais essa curva de declínio educacional. Para Hakeem Jeffries, líder da minoria na Câmara, essa medida “prejudicará milhões de crianças nas escolas públicas do nosso país, suas famílias e professores. O tamanho das turmas aumentará, educadores serão demitidos, programas de educação especial serão cortados e a faculdade ficará ainda mais cara”. A ideia

34 Cf. World Bank, Gini Index <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI>.

35 Cf. Tom Kertscher, Bernie Sanders on target saying 3 richest have as much wealth as bottom half of all Americans, *PolitiFact*, 3 jul. 2019: “The wealthiest three families now own more wealth than the bottom half of the country”.

36 Cf. The Ten States Facing the Most Hunger, *Feed the Children*, s.d. <https://www.feedthechildren.org/our-work/stories/the-ten-states-facing-the-most-hunger/>.

37 Cf. Child hunger keeps kids from reaching their full potential, *Feeding America*: “Nearly 14 million children faced hunger in 2023. According to the USDA, one in every five children is unsure where they will get their next meal”. <https://www.feedingamerica.org/hunger-in-america/child-hunger-facts>.

dessa medida, contida no “Project 2025”, remonta aos anos 1980 e mostra outro paralelo programático entre Trump e Reagan.³⁸

(7) “Os EUA têm a maior taxa de encarceramento do mundo, à frente do Turcomenistão, El Salvador, Cuba, Tailândia e Federação Russa. Sua taxa é quase 5 vezes a média dos países da OCDE” (Alston 2017). Em 2024, havia 614 pessoas encarceradas nos EUA a cada cem mil habitantes, e em nove estados do sul essa proporção oscilava entre 812 a 1.067 pessoas por cem mil habitantes. Eis algumas taxas de encarceramento em outros países a cada cem mil habitantes em 2024: Brasil, 390; Turquia, 366; Rússia, 300; Taiwan, 236; China, 165; Itália, 105.³⁹ Em 2020, a taxa de afro-americanos em prisões federais era cinco vezes maior do que a taxa de brancos, sendo que estes permaneciam menos tempo presos. A taxa de presos afro-americanos em diferentes estados do país oscila entre duas e quatro vezes sua proporção demográfica.⁴⁰

3.3 A OLIGARQUIA PLUTOCRÁTICA

(8) “Os eleitores registrados representam uma parcela muito menor de eleitores em potencial nos EUA do que em qualquer outro país da OCDE” (Alston 2017).

38 Cf. Hugo Lowell & Rachel Leingang, Trump signs executive order to dismantle US Department of Education, *The Guardian*, 20 mar. 2025: “Shutting down the Department of Education will harm millions of children in our nation’s public schools, their families and hardworking teachers. Class sizes will soar, educators will be fired, special education programs will be cut and college will get even more expensive”.

39 Cf. Emily Widra, States of Incarceration: The Global Context 2024, *Prison Policy Initiative*, jun. 2024
<https://www.prisonpolicy.org/global/2024.html>.

40 Cf. Pew Research Center, Racial Disparities Persist in Many U.S. Jails, 16 maio 2023.

Os EUA são o único país presidencialista do mundo em que a eleição do presidente da República não é feita por sufrágio universal e a composição dos membros do Colégio Eleitoral espelha cada vez menos a distribuição demográfica da população nos 50 estados do país. Como lembra David Leonhardt, “dois dos quatro últimos presidentes [dos EUA] assumiram a presidência a despeito de terem perdido no voto popular”.⁴¹ Os EUA são hoje, mais que nunca, uma oligarquia plutocrática. Há ao menos quatro fatores que explicam a erosão do que se costuma chamar, convencionalmente, a democracia estadunidense: (1) “Desde 2010, as legislaturas estaduais instituíram leis destinadas a reduzir o acesso dos eleitores ao voto”.⁴² Segundo Jasleen Singh & Sara Carter, “o país testemunhou uma enxurrada de legislações eleitorais restritivas ao longo da última década, sobretudo após as eleições de 2020. [...] Muitas das novas leis estão em estados com histórico de discriminação racial no voto”.⁴³ (2) O chamado *gerrymandering*, i.e., o redesenho manipulatório dos limites dos distritos político-eleitorais em todo o país, que tende a diminuir o peso do eleitorado afro-americano e a produzir artificialmente uma maioria de eleitores republicanos. Em vez dos eleitores escolherem seus candidatos, esse

41 Cf. David Leonhardt, ‘A Crisis Coming’: The Twin Threats to American Democracy, *The New York Times*, 17 set. 2022: “Two of the past four presidents have taken office despite losing the popular vote”.

42 Cf. Vanessa Williamson, Understanding democratic decline in the United States, *Brookings*, 17 out. 2023: “Since 2010, state legislatures have instituted laws intended to reduce voters’ access to the ballot”.

43 Cf. Jasleen Singh & Sara Carter, States Have Added Nearly 100 Restrictive Laws Since SCOTUS Gutted the Voting Rights Act 10 Years Ago, *Brennan Center for Justice*, 23 jun. 2023: “The country has witnessed a barrage of restrictive voting legislation over the course of the last decade, reaching a fever pitch after the 2020 election (...) Many of the new laws are in states with a history of racial voting discrimination”.

estratagemas permite aos candidatos escolher virtualmente seus eleitores, de modo a garantir sua reeleição.⁴⁴ (3) Desde a derrota de Trump em 2020, há um crescente movimento no Partido Republicano e em seu eleitorado no sentido de não aceitar um resultado desfavorável das urnas. (4) Há uma percepção igualmente crescente do eleitorado em geral de que o resultado das eleições não altera em nada sua situação. Tal é a percepção de 83% dos indagados em uma pesquisa de 2024 e quase 90 milhões de pessoas não votaram em 2024. Isso representa 36% das pessoas com direito a voto, ou seja, um número maior do que os eleitores de Kamala Harris ou de Donald Trump.⁴⁵

3.4 O PESADELO AMERICANO

(9) “O Sonho Americano está rapidamente se tornando a Ilusão Americana, já que os EUA agora têm a menor taxa de mobilidade social de todos os países ricos” (Alston 2017). Hoje, seria mais apropriado falar em pesadelo americano. Antes de tudo, o pesadelo das armas. Segundo o *Small Arms Survey*, em 2011 havia nesse país 88 armas em mãos de civis para cada 100 habitantes. Em 2018, esse número saltara para 120,5 armas para cada 100 habitantes. “Cerca de 44% dos adultos dos EUA vivem em uma casa com uma arma”.⁴⁶ O homem que tentou assassinar Trump em julho de 2024 usava um AR-15, um fuzil militar de assalto se-

44 Cf. Andrew Witherspoon & Sam Levine, These maps show how Republicans are blatantly rigging elections, *The Guardian*, 12 nov. 2021.

45 Cf. Pew Research Center, “Views about political representation”, 28 fev. 2024; Jedidajah Otte, ‘What a circus’: eligible US voters on why they didn’t vote in the 2024 presidential election, *The Guardian*, 13 dez. 2024.

46 Cf. US has more civilian guns than people: 120,5 for every 100 Americans, *Mercopress*, 28 maio 2022.

miautomático capaz de atirar até 60 balas por minuto. A venda dessa arma era proibida até 2004, mas hoje apenas nove estados a proibem. Estima-se que um a cada 20 habitantes dos EUA possua um fuzil AR-15, muito utilizado nos *mass-shootings* dos últimos anos.⁴⁷ O *Gun Violence Archive* (GVA) define um *mass-shooting* como um ataque no qual quatro ou mais pessoas são mortas ou feridas. Segundo o GVA, houve 332 *mass-shootings* nos EUA em 2015; 414 em 2019; 611 em 2020; 689 em 2021; 644 em 2022; 659 em 2023 e 503 em 2024.⁴⁸ Entre 2015 e 2024, houve 173.404 mortes e 303.991 feridos, num total de 477.395 vítimas de armas de fogo. Esses *mass-shootings* nascem no imaginário individualista da sociedade estadunidense, moldado pelo medo, pela infantilização e pela reatividade primal dos humilhados e dos que sofrem *bullying*. Em 2021, um a cada quatro eleitores republicanos (e 9% dos eleitores democratas) acreditavam nas teorias da conspiração do QAnon, segundo as quais “o mundo é controlado pelo *Deep State*, uma aliança de pedófilos adoradores de Satã”, que apenas Trump pode derrotar.⁴⁹ Outra dimensão desse medo é a xenofobia. Em 2001, o ataque às torres gêmeas desencadeou um surto de paranoia no país contra o “estrangeiro não branco”, comparável ao medo dos “comunistas”, insuflado nos anos 1950 pelo macarthismo. O *Department of Homeland Security*, criado por George W. Bush, foi crucial para o aumento das deportações de imigrantes. Em 2003, o número de

47 Cf. Beppe Severgnini, *Le armi da guerra. Follia americana*, *Corriere della Sera*, 23 jul. 2024.

48 Cf. <https://www.gunviolencearchive.org/>.

49 Cf. New PRRI Report Reveals Nearly One in Five Americans and One in Four Republicans Still Believe in QAnon Conspiracy Theories, 2 fev. 2022; “Q”. *ADL*, 5 abril 2020: “the world is controlled by the ‘Deep State,’ a cabal of Satan-worshipping pedophiles, and that former President Donald Trump is the only person who can defeat it”.

deportações anuais superou 200 mil e desde 2012, 400 mil. A criminalização e o tratamento desumano reservado aos imigrantes deportados não é, portanto, uma peculiaridade do governo Trump que se inicia.

4. CRISES AMBIENTAIS: O PAÍS DE TRUMP 2.0 É MUITO MAIS VULNERÁVEL DO QUE O DE REAGAN

Se a reeleição de Trump é a culminância de um processo histórico regressivo, ela ocorre num país ambientalmente já muito mais degradado do que o país que elegeu e reelegeu Reagan. Os EUA estão, de fato, entre os países mais vulneráveis do mundo à emergência climática, à aniquilação da biosfera e à poluição químico-industrial.

No que se refere à aniquilação da biodiversidade, entre 2001 e 2023 os EUA sofreram quase 480 mil km² de perda de cobertura arbórea, ou 17% de área de cobertura arbórea bruta desde 2000. Apenas entre 2020 e 2023, os EUA perderam quase 12 mil km² de florestas primárias.⁵⁰ Um relatório do *U.S. Fish & Wildlife Service*, de 2023, assinalou a extinção de 21 espécies a serem retiradas da lista de espécies ameaçadas do *Endangered Species Act*, de 1973.⁵¹ O relatório *Biodiversity in Focus: United States Edition* (2023) revela que 34% das espécies de plantas e 40% das espécies de animais, sobretudo anfíbios e espécies de água doce, estão em risco de extinção. Estão ameaçados de extinção 48% das espécies de cactos, cerca de 200 espécies de árvores (20%) e 19%

50 Cf. Global Forest Watch, United States <https://www.globalforestwatch.org/dashboards/country/USA/?lang=en>.

51 Cf. U.S. Fish & Wildlife Service, 21 Species Delisted from the Endangered Species Act due to Extinction, 16 out. 2023 <https://www.fws.gov/press-release/2023-10/21-species-delisted-endangered-species-act-due-extinction>.

das espécies de gramíneas.⁵² Entre os polinizadores, 37% das espécies de abelhas estão também em risco de extinção. Além disso, 41% dos ecossistemas dos EUA estão em risco de colapso em toda a sua extensão. Sempre segundo esse relatório, baseado em dados do *U.S. Geological Survey (USGS)*, as áreas ambientalmente protegidas nos EUA não passavam em 2018 de 12%. De seu lado, a EPA assinala que 1.300 espécies adicionais estão em risco de extinção nesse país hoje.⁵³ Nos Estados Unidos, entre 2000 e 2022, a abundância populacional de 554 espécies registradas de borboletas caiu em média 22%.⁵⁴ Nesse país e no Canadá, cerca de 3 bilhões de pássaros (29%) desapareceram desde 1970.⁵⁵

No que se refere à emergência climática, “nos Estados Unidos contíguos, as temperaturas médias já aumentaram cerca de 60% a mais do que a média global desde 1970”.⁵⁶ A Figura 3 mostra que o aquecimento médio na América do Norte em 2024 já atingiu 2,22°C em relação à temperatura média do século XX e está aquecendo entre 2001 e 2024 à taxa de 0,37°C por década.

52 Cf. Biodiversity in Focus: United States Edition, *NatureServe*, 2023. https://www.natureserve.org/sites/default/files/NatureServe_BiodiversityInFocusReport_medium.pdf.

53 Cf. Dave Simms, Lost Species: The Impact of Habitat Destruction in The US, *Earth.org*, 12 fev. 2024.

54 Cf. Collin B. Edwards *et al.*, Rapid butterfly declines across the United States during the 21st century, *Science*, 387, 6738, 6 mar. 2025, pp. 1090-1094: “Between 2000 and 2020, total butterfly abundance fell by 22% across the 554 recorded species”.

55 Cf. Kenneth V. Rosenberg *et al.*, Decline of the North American Avifauna, *Science*, set., 2019.

56 Cf. Environmental Protection Agency (EPA), *Extreme Heat*: “Across the contiguous United States, average temperatures have already risen about 60% more than the global average since 1970”.

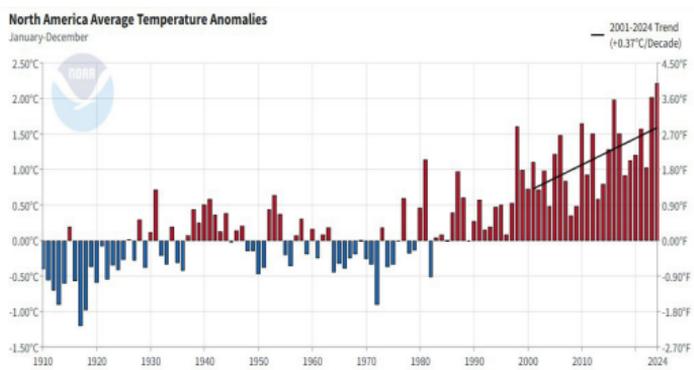


Figura 3 – Anomalias de temperatura na média anual da América do Norte entre janeiro de 2001 e dezembro de 2024, com aquecimentos registrados em relação à média do período de base 1901-2000 e com uma taxa de aquecimento de 0,37°C por década

Fonte: NOAA, Climate at a Glance Global Time Series.

Sempre segundo o NOAA, agora ameaçado por Trump, nos últimos 20 anos (2005-2024), essa taxa de aquecimento aumentou para 0,42°C por década e no período 2011-2024, para 0,62°C por década. A aceleração é tão evidente quanto os impactos dela decorrentes. Assim, a duração, a frequência e a letalidade das ondas de calor triplicaram desde os anos 1960.⁵⁷

“A duração média da temporada de ondas de calor em 50 das metrópoles mais populosas [dos EUA] saltou de 23,75 dias por ano nos anos 1960 para 72,68 na década de 2020. No mesmo período, essas principais metrópoles passaram de uma média de 2,17 ondas de ca-

57 Cf. Maggie Davis, Heat Wave Season in Major Metros Triples Between 1960s and 2020s, *ValuePenguin*, 20 maio 2024: “The average length of heat wave season across 50 of the most populous metros jumped from 23.75 days a year in the 1960s to 72.68 in the 2020s. In the same period, these major metros went from an average of 2.17 heat waves a year to 6.14. (...) Heat-related deaths have increased by 857.5% between 1986 (when records began) and 2022 (the latest year of data available). In 2022, there were 383 heat-related deaths, up from 40 in 1986”.

lor por ano para 6,14. [...] As mortes associadas ao calor aumentaram 857,5% entre 1986 (início dos registros) e 2022 (último ano de dados disponíveis). Em 2022, houve 383 mortes relacionadas ao calor, ante 40 em 1986”.

4.1 EVENTOS METEOROLÓGICOS EXTREMOS

A Tabela 1 fornece um quadro sinótico da evolução dos eventos meteorológicos extremos e de seus impactos em vidas humanas e em prejuízos materiais nos EUA entre 1980 e 2024.

Tabela 1 – Evolução dos eventos meteorológicos extremos entre 1980 e 2024 nos EUA

Média anual de eventos	Custo médio anual	Mortes (média anual)	
1980-1989	3,3	US\$ 22 bilhões	299
1980-2024	9	US\$ 64 bilhões	376
2022-2024	24,3	US\$ 153,9 bilhões	511

Fonte: NOAA, Billion-Dollar Weather and Climate Disasters, 2024.
Disponível em: <https://www.ncei.noaa.gov/access/billions/>

Segundo o *Climate Central*, nos anos 1980 eventos causando prejuízos de pelo US\$ 1 bilhão (em dólares constantes) ocorriam a cada 82 dias; nos anos 2017-2021, eles ocorreram em média a cada 18 dias.⁵⁸ Intervalos de tempo sempre menores entre grandes desastres são uma variável decisiva em processos de colapso, pois concedem menos tempo para se recuperar de cada desastre e se preparar para os próximos. Nos EUA, os eventos meteorológicos extremos no século XXI são cada vez mais custosos. O furacão Helene (24-27 set. 2024), que devastou o sudeste do país, matou cerca de

58 Cf. *Climate Central*, Billion-Dollar Disasters in 2022, 11 out. 2022 <https://www.climatecentral.org/climate-matters/billion-dollar-disasters-in-2022>.

250 pessoas, feriu 117 e causou prejuízos de quase US\$ 80 bilhões (NOAA), o que faz dele apenas o sétimo maior em termos de prejuízos, atrás dos furacões Katrina, Harvey, Ian, Maria, Sandy e Ida, todos ocorridos nos últimos 20 anos.⁵⁹ Em março de 2025, o *US National Weather Service* (NWS) registrou 109 tornados em vários estados, com um saldo de mais de 40 mortes.⁶⁰

4.2 INCÊNDIOS FLORESTAIS

Um estudo da *Union of Concerned Scientists*, de 2020, afirma que “desde 2015, os EUA têm sofrido, em média, cerca de 100 grandes incêndios florestais a mais a cada ano”. Um grande incêndio florestal é definido como um incêndio maior do que 200 hectares no leste do país e maior do que 400 hectares na sua parte oeste. A Figura 4 mostra esse aumento em termos de número de grandes incêndios entre 1985 e 2018 e a Figura 5 mostra o aumento da área desses incêndios entre 1983 e 2020.

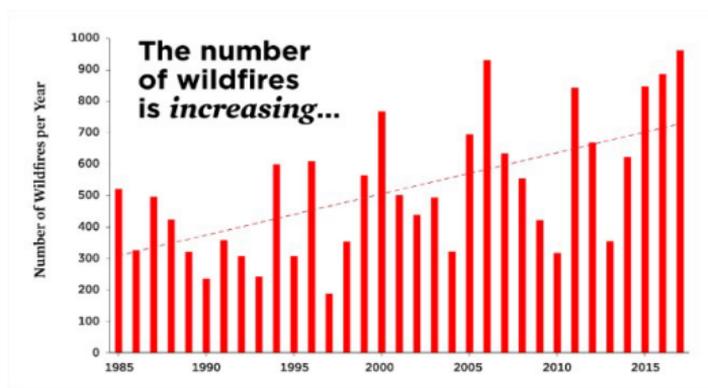


Figura 4 – Aumento do número de grandes incêndios florestais por ano entre 1985 e 2017

59 Cf. Andrew B. Hagen *et al.*, Hurricane Helene (24-27 set. 2024). National Hurricane Center Tropical Cyclone Report, 21 mar. 2025.

60 Cf. Alice Fowle and Ishani Mistry, Weather tracker: Tornadoes and wildfires kill at least 40 across US, *The Guardian*, 21 mar. 2025.

Fonte: “Infographic: Wildfires and Climate Change”. Union of Concerned Scientists, 8 set. 2020, atualizado em 9 maio 2022, com dados do Monitoring Trends in Burn Severity, incluindo apenas incêndios de mais 200 hectares (> 500 acres) no leste e de mais de 400 hectares (> 1.000 acres) no oeste do país.

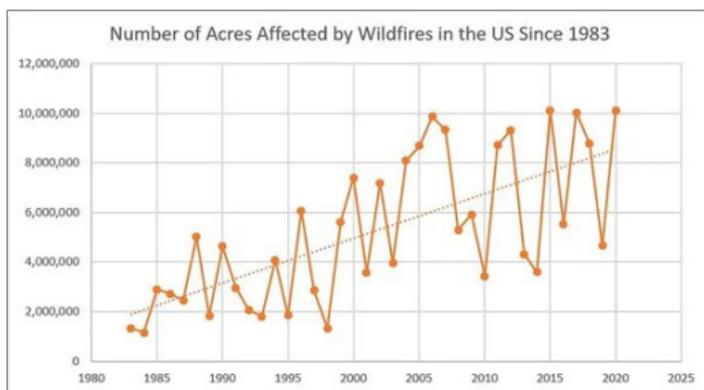


Figura 5 - Extensões afetadas por incêndios (em acres, sendo 1 acre = 0,405 hectare) entre 1983 e 2020 nos EUA

Fonte: National Fire Information Council (NFIC).

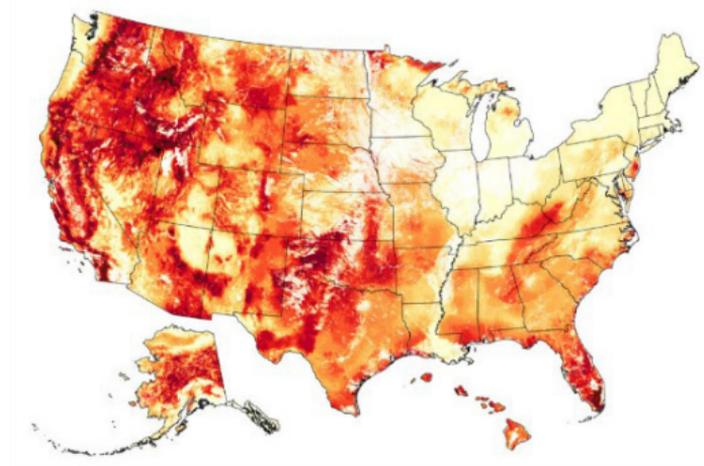
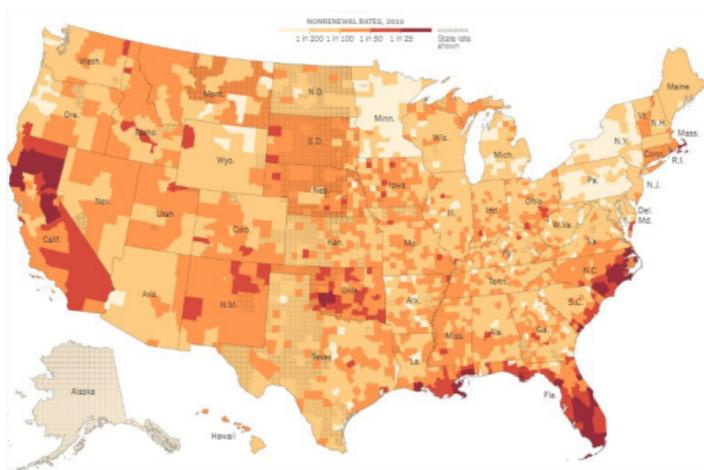
Disponível em: <https://www.dryad.net/post/wildfires-usa-statistics>

Entre 1985 e 2020, a área afetada por incêndios nos EUA quintuplicou, passando de cerca de 8 mil a cerca de 40 mil km². Em 2018, o incêndio de Camp (Camp Fire), na Califórnia, matou ao menos 90 pessoas, destruiu 18 mil estruturas e causou prejuízos de US\$ 16,5 bilhões. Em 2023, um incêndio no Havaí, sobretudo na ilha de Maui, matou 111 pessoas. Em janeiro de 2025, diversos incêndios na área metropolitana de Los Angeles estenderam-se por 233 km², mataram 28 pessoas, destruíram ou danificaram perto de 20 mil estruturas e obrigaram a evacuação de mais 200 mil pessoas. Até 24 de janeiro de 2025, os prejuízos causados por esses incêndios haviam sido estimados entre US\$ 250 bilhões e US\$ 275 bilhões de dólares.⁶¹

61 Cf. Roger Vincent, Estimated cost of fire damage balloons to more than \$250 billion, *Los Angeles Times*, 24 jan. 2025.

4.3 A INVIABILIZAÇÃO DOS SEGUROS E O AUMENTO DAS ÁREAS DE ALTO RISCO DE INCÊNDIOS

Os incêndios de Palisades e de Eaton, nos arredores de Los Angeles, em 2025, redundaram em custos de US\$ 80 bilhões para as seguradoras, hoje em processo de abandonar seus assegurados. As Figuras 6 e 7 mostram, à esquerda e à direita, as taxas de não renovação dessas apólices em 2023 e as áreas de maior risco de incêndios para estruturas construídas nos EUA.



Figuras 6 e 7 – Taxas de não renovação das apólices de seguro residencial nos Estados Unidos em 2023. Do mais claro ao mais escuro essas taxas de não renovação são: 1 em 200; 1 em 100; 1 em 50 e 1 em 25. À direita, mapa das zonas com maior risco de incêndio para estruturas construídas

Fontes: Christopher Flavelle, “Insurers Are Deserting Homeowners as Climate Shocks Worsen”. *The New York Times*, 18 dez. 2024. Baseado em dados do U.S. Senate Budget Committee; Wildfire risks to communities.

Disponível em: <https://wildfirerisk.org/download/>

“Desde 2018, mais de 1,9 milhões de contratos de seguro residencial em todo o país foram cancelados [...] Em mais de 200 condados, a taxa de não renovação triplicou ou mais”.⁶² O aumento dos incêndios é um dos motivos desses cancelamentos, como mostra a simples superposição dos mapas das Figuras 6 e 7.

5. OS EUA, ANOMALIA GLOBAL

Os EUA são o país que mais fortemente impulsiona o processo antropogênico planetário de colapso socioambiental. Seu orçamento militar consome quase 1 trilhão de dólares por ano, um montante maior do que a soma dos orçamentos militares dos outros dez países com maiores gastos nessa área.⁶³ Para justificar esse orçamento e suas 750 bases militares mundo afora, os EUA precisam criar, instigar ou fomentar as guerras que assolam o planeta. Em 2023, o país emitiu, em média, 18 toneladas de CO₂-eq *per capita*, contra 11 da China, 7,3 dos 27 países da União Europeia, 6 do Brasil

⁶² Cf. Christopher Flavelle, *Insurers Are Deserting Homeowners as Climate Shocks Worsen*, *The New York Times*, 18 dez. 2024. “Since 2018, more than 1.9 million home insurance contracts nationwide have been dropped (...). In more than 200 counties, the nonrenewal rate has tripled or more”.

⁶³ Cf. SIPRI, *Global military spending surges amid war, rising tensions and insecurity*, 24 abr. 2024. <https://www.sipri.org/media/press-release/2024/global-military-spending-surges-amid-war-rising-tensions-and-insecurity>.

e 2,9 da Índia.⁶⁴ Com 4,2% da população mundial, os EUA “consumiram 18% dos produtos plásticos globais em 2019 e seu uso de plástico *per capita* foi maior do que em qualquer outro país globalmente”.⁶⁵ Os EUA consomem *per capita* algo como 200 mil kcal por dia, ou seja, muito mais do que a capacidade de carga do planeta.⁶⁶

Esse consumo anômalo de uma superpotência contrasta de modo cada vez mais agudo com a vulnerabilidade do país, que não é apenas socioambiental, mas também econômica, financeira, industrial e tecnológica. A política fiscal de Trump aumentará a dívida pública, já impagável, de US\$ 36 trilhões e crescendo US\$ 1 trilhão a cada 100 dias.⁶⁷ Em consequência disso, em 2011, a Standard & Poor’s (S&P) rebaixou a nota do país para AA+, em 2023 a Fitch fez o mesmo e a Moody’s rebaixou a perspectiva do país de “estável” para “negativa”. Em março de 2025, a Moody’s alertou os EUA sobre a “diminuição de sua capacidade de pagamento da dívida”. A China está se desfazendo rapidamente de seus títulos do Tesouro dos EUA, como mostra a Figura 8.

64 Cf. PNUMA, Emissions Gap Report 2024 <https://www.unep.org/resources/emissions-gap-report-2024>.

65 Cf. EPA, About Plastic Products and Plastic Pollution, s.d.: “The U.S. consumed 18% of global plastic products in 2019, and plastic use per capita was higher than in any other country”.

66 Cf. Alexandre Araújo Costa, palestra na Ilum Escola de Ciência do CNPEM em 26 de março de 2025.

67 Cf. Michelle Fox, The U.S. national debt is rising by \$1 trillion about every 100 days, *CNBC*, 1. maio 2024

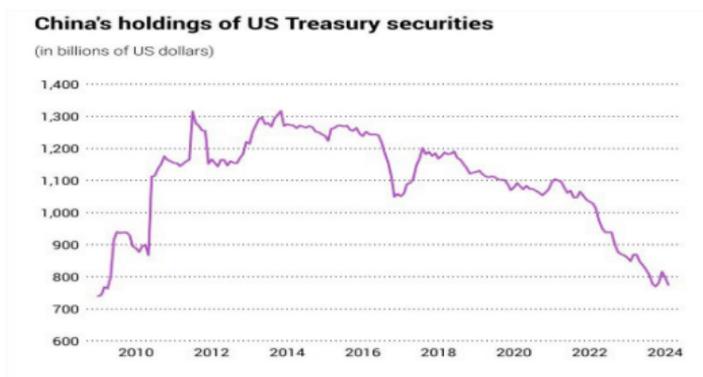


Figura 8 – Títulos do Tesouro dos EUA detidos pela China entre 2008 e 2024, em bilhões de dólares

Fonte: Mike Maharrey, “China is dumping US treasuries and buying Gold”. *FX Street*, 21 abril 2024.

Disponível em: <https://www.fxstreet.com/analysis/china-is-dumping-us-treasuries-and-buying-gold-202404212302>

De outro lado, várias métricas medem o contraste flagrante entre o consumo exacerbado do país e sua dependência industrial e tecnológica em relação à China. “Perto de dois terços dos produtos manufaturados dos EUA contêm *chips* de fabricação chinesa”.⁶⁸ O país nunca se recuperou, de fato, da crise financeira dos *subprimes* de 2007-2008 e é evidente que o governo Trump apenas acelerará o declínio ambiental e socioeconômico do país.

68 Cf. États-Unis: enquête sur les pratiques «anticoncurrentielles» de la Chine dans les semi-conducteurs, *Le Figaro*, 23 dez. 2024: “Près des deux tiers des produits américains contiennent des puces chinoises”.

6. *BIG TECHS, BIG OIL, BIG PHARMA, BIG FOOD, BIG AG...* NEGACIONISMO E RANCOR

Uma pesquisa de opinião de outubro de 2024 permite vislumbrar o perfil do eleitorado que iria eleger Trump: 25% dos indagados responderam que “as atividades humanas, tais como as emissões de gases de efeito estufa, em nada contribuem para as mudanças climáticas”; 29% responderam que elas “não contribuem muito” e 44% dos eleitores republicanos negam qualquer contribuição antropogênica às mudanças climáticas.⁶⁹ A evidência do aumento catastrófico dos impactos ambientais que estão devastando essa sociedade choca-se, portanto, contra um muro inexpugnável de negacionismo científico. As redes digitais dos EUA difundiam em 2024, por exemplo, que o furacão Helene, de setembro desse ano: (a) foi criado por cientistas para abrir caminho para a mineração de lítio; (b) foi direcionado por eles aos estados republicanos, ou ainda (c) foram formados por lasers criados pelos cientistas para desregular o clima.⁷⁰

Nos EUA, há uma extremada contradição entre, de um lado, sua liderança internacional na ciência do clima e, de outro, a tenacidade e a amplitude sociológica de seu negacionismo climático. Dois meses após a posse de Trump, seus eleitores o amam mais do que antes da eleição.⁷¹ Segundo uma pesquisa de opinião da NBC News, “mais eleitores registrados acham que 69 Cf. Brian Kennedy & Alec Tyson, *How Americans View Climate Change and Policies to Address the Issue*, *Pew Research Center*, 9 dez. 2024.

70 Cf. Tiffany Hsu & Stuart A. Thompson, *Bizarre Falsehoods About Hurricanes Helene and Milton Disrupt Recovery Efforts*, *The New York Times*, 10 out. 2024.

71 Cf. David Brooks, Ross Douthat, David French & Bret Stephens, *Trump Voters Love Him More Than Before. Four Conservative Columnists Pinpoint Why*, *The New York Times*, 21 mar. 2025.

os EUA estão no caminho certo do que em qualquer outro momento desde 2004”. É inegável que as campanhas de desinformação da rede corporativa, em que se associam as *Big Techs*, *Big Oil*, *Big Pharma*, *Big Food*, *Big Ag* etc., são grandemente responsáveis por essa “idade de ouro da ignorância” do *Homo stadunidensis*.⁷² Mas é importante entender também que o negacionismo é fomentado por sentimentos de rancor, frustração e ressentimento, compreensíveis diante de uma sociedade cada vez mais plutocrática, racista e excludente. David Brooks, acima citado, assim interpreta a vitória de Trump em 2024:

De acordo com uma pesquisa da Ipsos do ano passado, 59% dos americanos acham que nosso país está em declínio; 60% acreditam que “o sistema está quebrado”; 69% acreditam que a “elite política e econômica não se importa com pessoas trabalhadoras”. Se essas são suas premissas, então você ficará feliz com um presidente que empunha uma bola de demolição.

Não por acaso, um dos motes da campanha eleitoral de Trump em 2016 era: “Que diabos vocês têm a perder?” (*What the hell do you have to lose?*). Em Michigan, diante de uma audiência composta por um grande número de afro-americanos, ele martelava:⁷³

72 Cf. Hervé Morin & Nathaniel Herzberg, Robert Proctor, historien des sciences: “Nous vivons un âge d’or de l’ignorance”, *Le Monde*, 9 mar. 2025.

73 Cf. Donald Trump Michigan Speech Transcript: Asks Black Voters ‘What Do You Have to Lose?’, Michigan, 19 abril 2016: “What do you have to lose by trying something new like Trump?” What do you have to lose? I say it again, “What do you have to lose?” Look, what do you have to lose? You’re living in poverty, your schools are no good, you have no jobs, 58% of your youth is unemployed. What the hell do you have to lose?

<https://www.rev.com/transcripts/donald-trump-michigan-speech-transcript-asks-black-voters-what-do-you-have-to-lose>.

O que vocês têm a perder tentando algo novo como Trump? O que vocês têm a perder? Digo de novo: o que vocês têm a perder? Vocês estão vivendo na pobreza, suas escolas não são boas, vocês não têm empregos, 58% dos seus jovens estão desempregados. Que diabos vocês têm a perder?

Por maior e mais justificado que sejam a frustração e o rancor contra o sistema político e, sobretudo, contra o Partido Democrata, as pessoas se deram conta de que nada é tão ruim que não possa piorar. Tal é a razão das mais de 1.500 manifestações ocorridas no sábado, 5 de abril, em todos os EUA para, nas palavras de Michael Moore, “protestar contra Donald Trump, Elon Musk e o que esse governo de idiotas perigosos, bilionários sinistros e fascistas supremacistas brancos está fazendo com este país”.⁷⁴ A dimensão desses protestos é imensa. Segundo o que reporta Michael Moore, seus organizadores – o Movimento 50501 – avaliam em cinco milhões o número de manifestantes. E a Federação Americana de Professores afirma que “pelo menos 4 milhões de pessoas foram às ruas em todo o país”. A Michael Moore não escapa a evidente tentativa da grande imprensa de reduzir esse terremoto social a um fato trivial.

Você poderia pensar que tudo isso levaria todos os canais de notícias a mostrar essas cenas e falar sobre elas o dia todo. Mas isso não foi feito. Não foi manchete de primeira página do *New York Times*, que deu a notícia na página 18, isso em uma cidade onde havia

74 Cf. Michael Moore, *There Was a Record 5 to 6 Million People Who Took to the Streets to Stop Trump on Saturday! — And the Only Sound of Silence You Hear is from the Media and the Democratic Party*, 8 abril 2025.

https://www.michaelmoore.com/p/there-was-a-record-5-to-6-million?publication_id=320974&utm_medium=email&utm_campaign=email-share&triggerShare=true&r=2jryf7.

obviamente mais de 100 mil pessoas nas ruas, a poucos quarteirões do seu arranha-céu bilionário.

A CNN falou em “um grande número de pessoas” (*scores of people*), *USA Today* falou em “dezenas de milhares”, a FOX News achou melhor falar em “milhares de pessoas”, quando era público e notório que ao menos 600 mil pessoas haviam respondido previamente à conclamação dos organizadores, assegurando sua presença. E Moore arremata: “Os únicos mais assustados do que Trump e Musk são a grande mídia, os Wall Streeters, os bilionários e o outro partido que eles controlam – o partido fraco e ineficaz que teve 49 anos para fazer do caso Roe [sobre o direito ao aborto] a lei do país e não fez nada”.

A resistência social e política a Trump está aumentando a cada dia. Harvard o está processando e mais de 200 reitores de universidades e faculdades, incluindo, além de Harvard, Princeton, MIT, Yale, Brown, Columbia e várias universidades da Califórnia, assinaram uma declaração conjunta denunciando sua “interferência política sem precedentes, que agora coloca em risco o ensino superior americano”.⁷⁵ Manifestações públicas continuam a crescer e detectam-se algumas fissuras no próprio Partido Republicano. O potencial de radicalização social e de violência desses confrontos é imenso, sobretudo em uma sociedade armada até os dentes e onde as tensões crescem na mesma medida do empobrecimento e do declínio do país. Embora não

75 Cf. American Association of Colleges and Universities (AAC&U), *A Call for Constructive Engagement*, 22 abr. 2025: “As leaders of America’s colleges, universities, and scholarly societies, we speak with one voice against the unprecedented government overreach and political interference now endangering American higher education”. <<https://www.aacu.org/newsroom/a-call-for-constructive-engagement>>.

se pretenda profético, o premiado filme *Civil War* de Alex Garland, lançado em março de 2024, dá a medida do imaginário distópico do país. Ele foi recebido pela crítica como uma narrativa de advertência (*a cautionary tale*), e a declaração de Garland a respeito é clara: “Sabemos por que isso poderia acontecer” (“*We know why it might happen*”).⁷⁶

7. CONCLUSÃO

Pode haver colapso socioeconômico sem colapso ambiental. Mas todo colapso ambiental tem, entre suas inúmeras consequências, um colapso socioeconômico. O atual experimento social de autodestruição fulminante dos EUA é inédito justamente porque mostra a singular convergência de um colapso socioeconômico e de um colapso ambiental. Mais do que isso, ele mostra um processo de colapso socioeconômico cada vez mais comandado por um colapso socioambiental. Em 2024, o *Federal Emergency Management Agency* (FEMA) declarou 90 desastres maiores nos EUA (ciclones, furacões, tempestades tropicais, incêndios florestais e inundações) causados ou exacerbados pela emergência climática. Trata-se de um desastre a cada quatro dias e uma frequência 63,6% maior deles em relação à média dos últimos trinta anos (55 desastres maiores em média por ano entre 1995 e 2024). Em 2024, 137 milhões de pessoas (41% da população do país) estavam vivendo em áreas afetadas por um desastre maior ou por uma declaração de emergência. Muitos morreram, muitos mais perderam tudo e foram reduzidos à ruína financeira. Segundo o FEMA, “em 2024, 267 de 366 dias tiveram pelo menos um incidente de desastre impor-

76 Cf. Adrian Horton, ‘We know why it might happen’: Alex Garland’s explosive thriller *Civil War* première, *The Guardian*, 15 mar. 2024.

tante ativo. Isso significa que por quase três quartos (73%) do ano houve um desastre ativo sendo tratado em algum lugar dos EUA”.⁷⁷

É importante lembrar que os números do FEMA não incluem as mortes e os prejuízos materiais e à saúde dos organismos causados pelos picos de calor urbano e pela poluição químico-industrial. A envergadura real do desastre estadunidense é, portanto, muito maior. Além disso, as mortes não imediatas, mas indiretamente causadas por furacões e tempestades tropicais nos Estados Unidos foram assim quantificadas num estudo que avaliou 501 desses eventos entre 1930 e 2015: para uma média de 24 mortes causadas imediatamente por esses eventos, os autores detectam que tais eventos “indiretamente aceleraram a morte de 7.170 a 11.430 indivíduos”, um aumento de excessos de mortes que “persiste nos 15 anos sucessivos” a cada evento considerado: “Calculamos que os ciclones tropicais nos Estados Unidos impõem uma carga de mortalidade não documentada que explica uma fração substancial das maiores taxas de mortalidade ao longo da costa atlântica e é igual a aproximadamente 3,2% a 5,1% de todas as mortes” ocorridas nesse período.⁷⁸

77 Cf. Major disaster in the US declared every four days in 2024, *International Institute for Environment and Development*, 25 mar. 2025: “In 2024, 267 out of 366 days had at least one active major disaster incident. This means that for almost three quarters (73%) of the year, there was an active disaster being dealt with somewhere in the US”.

78 Cf. Rachel Young & Solomon Hsiang, Mortality caused by tropical cyclones in the United States, *Nature*, 635, 2 out. 2024, pp. 121–128: “We compute that the tropical cyclones climate of the contiguous US imposes an undocumented mortality burden that explains a substantial fraction of the higher mortality rates along the Atlantic coast and is equal to roughly 3.2–5.1% of all deaths”.

Isso é apenas o começo. Trump pode desmontar, censurar ou tomar de assalto as instituições de ciência e cultura do país, as universidades, a Nasa, o NOAA, o Smithsonian e o Kennedy Center. Pode manipular ou abolir as eleições, esmagar ONGs, impor o suprematismo branco, elevar muros, entregar de vez a gestão do país às corporações. Pode também, em âmbito internacional, sair de todos os tratados e acordos diplomáticos, inclusive da ONU e mesmo expulsar sua sede de seu país. Pode ainda invadir a Groenlândia, o Canadá e o Panamá, arrasar o Iêmen, consumir o genocídio dos palestinos e transformar a faixa de Gaza em um *resort* de luxo. Os espetáculos gesticulatórios de Trump enchem, hoje, páginas e páginas dos jornais, aos quais escapa, contudo, o essencial: esse arsenal de insanidade interna e externa apenas aprofundará o sofrimento e acelerará o processo de colapso dessa sociedade, contribuindo não pouco a acelerar o colapso das demais sociedades do planeta, bem como a aniquilação da biosfera.

É verdade que o mundo está infectado até a medula dos mesmos males que acometem os EUA: negacionismo científico, erosão da democracia, aumento das desigualdades, manipulação profunda das mentes pelas *Big Techs*, demonização do “outro”, recrudescimento do racismo e, sobretudo, do militarismo (sempre, é claro, sob o pretexto de defesa da paz e da democracia). Os EUA, em suma, não são um caso isolado de regressão social, mental e ambiental. Mas eles representam, hoje, como ontem, o modelo mais avançado da distopia contemporânea.

Luiz Marques



Luiz Marques. Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) / Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) (1977), Diplôme d'Études Approfondies (DEA) em Sociologia da Arte - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris (1979) e doutorado em História da Arte - EHESS (1983). Foi curador-chefe do Museu de Arte de São Paulo - MASP (1995-1997). Professor Livre Docente do Depto. de História, IFCH, da Universidade Estadual de Campinas. Coordenador do Projeto MARE - Museu de Arte para a Educação (www.mare.art.br). Cocriador e membro do comitê editorial da revista *Figura - Studi sull'Immagine nella Tradizione Classica* (figura.art.br); cocriador do portal *Crisálida - Crises sócio-ambientais*. Labor Interdisciplinar *Debate & Atualização* (crisalida.eco.br). Áreas principais de pesquisa: História da Arte Italiana dos séculos XV e XVI e suas relações com a Tradição Clássica; Pesquisas sobre crises socioambientais.

ENTREVISTAS DO IHU COM LUIZ MARQUES

- ["A direção que precisamos seguir é a da diminuição radical da emissão de gases do efeito estufa". Entrevista especial com Luiz Marques](#)
- [À beira do abismo, uma sociedade inerte diante do colapso climático. Entrevista especial com Luiz Marques](#)

- [Pandemia evidencia a emergência de superar o capitalismo e conceber outro socialismo. Entrevista especial com Luiz Marques](#)
- [Estamos caminhando para o desaparecimento irreversível das florestas. Entrevista especial com Luiz Marques](#)
- [Yoñlu. “Não há consolo para a morte de um filho”. Entrevista especial com Luiz Marques](#)

ARTIGOS DE LUIZ MARQUES REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Veta, Lula! O PL da Devastação ameaça o Brasil. Artigo de Luiz Marques](#)
- [Assim Israel cava sua própria ruína. Artigo de Luiz Marques](#)
- [O colapso socioambiental alcança escala planetária. Artigo de Luiz Marques](#)
- [Clima: à espera da rebeldia necessária. Artigo de Luiz Marques](#)
- [Ainda faz sentido a COP30? Videconferência no IHU com Luiz Marques](#)
- [COP29, a COP Zumbi. Faz ainda algum sentido a COP30? Artigo de Luiz Marques](#)
- [Negacionismo: a escolha da ignorância ante o colapso planetário. Artigo de Luiz Marques](#)
- [A opção da Europa pelas trevas. Artigo de Luiz Marques](#)
- [A COP27 foi inconsequente. E agora? Análise de Luiz Marques](#)

- [Da geofísica à sociofísica. Artigo de Luiz Marques](#)
- [Brasil, 200 anos de devastação. O que restará do país após 2022? Artigo de Luiz Marques](#)
- [Resumo dos resultados da COP26. Artigo de Luiz Marques](#)
- [Perda de biodiversidade, pandemias e horizontes: “O tempo agora trabalha contra nós”, avalia Luiz Marques](#)
- [Ameaça de extinção atinge 12,5% do total da biodiversidade animal e vegetal do planeta. Análise de Luiz Marques](#)
- [Serão as próximas pandemias gestadas na Amazônia? Artigo de Luiz Marques](#)
- [Bolsonaro, o ecocida. Artigo de Luiz Marques](#)
- [A IPBES e o declínio da biodiversidade. Análise de Luiz Marques](#)
- [A atual trajetória de colapso socioambiental é incontestável. Análise de Luiz Marques](#)
- [O último século das florestas tropicais? Análise de Luiz Marques](#)
- [O degelo e a elevação do nível do mar; análise de Luiz Marques](#)

EVENTOS DO IHU COM LUIZ MARQUES

- Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Ainda faz sentido a COP30?
- Novo Regime Climático e as propostas para uma política de sobrevivência



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLA-CIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olivia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima

 UNISINOS